



RODRIGO DE OLIVEIRA

O VALE DOS MORTOS





RODRIGO DE OLIVEIRA

O VALE DOS MORTOS

 **FARO
EDITORIAL**

INTRODUÇÃO



AO ABRIR OS OLHOS Ivan tentou entender onde estava. A cabeça e o corpo todo doíam demais, ele mal conseguia se mexer.

Demorou um pouco, mas lembrou-se do que havia acontecido. Sofrera um acidente de carro. Tentara manter o veículo sob controle, mas fora impossível. A caminhonete praticamente empurrara seu carro para fora da pista, e em decorrência, ele perdera os sentidos.

Mas, estranhamente, ninguém veio socorrê-lo, nem ambulância ou carro dos bombeiros.

Foi quando Ivan se deu conta de que ainda estava dentro do carro.

Ao olhar para os lados, via apenas o mato alto, que tingia de verde toda a paisagem. Logo à frente, muito capim, e pouco adiante, uma árvore ressecada, quase sem folhas, uma visão fantasmagórica que tornava a cena ainda mais desesperadora.

Então, um pensamento surgiu de sobressalto: Onde estava sua família? Sua mulher, seus filhos? Sua última lembrança era dos gritos das crianças, chorando apavoradas, pedindo para ele ir mais devagar. Sua esposa também gritava, ora falando para ele desacelerar, ora implorando que ele pisasse mais fundo no acelerador.

Depois de alguns instantes de verdadeiro pânico, Ivan lembrou o óbvio: olhar para trás. Estavam todos lá. Mas estariam bem ou feridos? Teria acontecido algo pior?

Reuniu coragem e olhou por sobre o ombro direito. Sua esposa, Estela, estava sentada no banco de trás entre seus dois filhos, Matheus e Ana, e pareciam bem.

Ivan começou a se sentir mais aliviado, mas o que poderia ser bom começou a parecer uma visão assustadora. Os olhos de Estela fitavam o teto do carro, praticamente sem piscar, e dançando nas órbitas de forma frenética, inquietos, expressando um terror silencioso que provocou em Ivan um intenso calafrio.

Ao lado da esposa, as crianças estavam acordadas também, cada qual com a cabeça encostada em um dos ombros da mãe. Elas se mantinham completamente imóveis e silenciosas, como se tivessem medo até mesmo de respirar.

— Vocês estão bem? — Mas Ivan tinha certeza de que já sabia a resposta.

— O que está acontecendo? — perguntou Estela, após uns trinta segundos de hesitação.

Parecia que, finalmente, ela saíra do estado de choque, e ficava olhando para todos os lados, frenética, alerta, esperando por alguma surpresa que pudesse vir de qualquer direção.

— Não sei, acho que saímos da estrada durante a fuga... Não me lembro bem. Faz tempo que estamos aqui? — Ivan tentava se desviar da pergunta da esposa.

— Nós caímos do viaduto, pai. Até o *airbag* abriu, olha só. — Matheus, o filho mais velho, apontou para as duas bolsas brancas murchas que brotaram do painel e do volante.

— Tem razão, filho, deve ter sido uma queda e tanto... Mas não consigo me lembrar direito. Faz muito tempo?

— Acho que mais de uma hora — disse o filho, inseguro — Nós tentamos chamar vocês, mas nenhum dos dois respondia. Ficamos com medo!

— Uma hora! Eu desmaiei mesmo, então! — Perplexo, Ivan olhou para cima e notou que o filho tinha razão, pois, uns quatro metros acima, dava para ver a beira do viaduto e um pedaço do *guard rail** balançando, bem no ponto onde o carro despencara do viaduto rumo ao matagal.

* Barra de metal, localizada na lateral de estradas ou rodovias, para proteção.

Ivan se lembrava de estar em alta velocidade no anel viário, desviando-se dos carros, das pessoas, tentando fugir da turba furiosa que os perseguia. O anel viário é a principal ligação entre os eixos norte e sul de São José dos Campos, dando acesso à via Dutra. Era para lá que seguiam quando Ivan perdeu o controle do Elantra e despencou do viaduto. Seu objetivo era ir para a casa de sua mãe, em São Paulo, mas o acidente aconteceu antes mesmo de chegar à rodovia.

— Papai, eu quero ir para casa — resmungou Ana, a caçula da família. — Vamos sair daqui, estou com medo!

— Filha, nós vamos sair daqui, sim, só preciso ver como a gente vai fazer isso. Mas não podemos voltar pra casa agora, temos de descobrir o que está acontecendo...

— Quem eram aquelas pessoas, papai? Por que nos atacaram? — perguntou a menina, com medo no olhar, como se estivesse revivendo os momentos de pânico ocorridos horas atrás.

— Ivan, o que está havendo? O que eram aquelas... coisas? Por que fizeram aquilo, por que... nos atacaram? — Estela quase sussurrou a última parte, tentando não assustar ainda mais as crianças, como se isso fosse possível. Ela evitava usar a palavra assustadora que antes empregara para definir aqueles seres.

— Não sei, amor, nunca vi nada igual. Só sei que não podemos ir para casa. A nossa rua parecia uma praça de guerra, temos que tentar...

Antes que Ivan completasse a frase, eles começaram a ouvir gritos. Uma mistura apavorante de berros, urros e gemidos vindos do viaduto. Ao que parecia, estava sendo travada uma verdadeira batalha logo acima de suas cabeças.

— Temos que sair daqui agora! — Ivan soltou o cinto de segurança. Sua cabeça doía, e ele se sentia nauseado, mas finalmente o torpor desapareceu ao perceber que ainda estavam em perigo.

— Não quero, estou com medo! — reclamou Ana, num tom de voz perigosamente alto.

— Eu quero que você obedeça ao seu pai, Ana! E fica quieta, antes que alguém nos ouça e...

Naquele instante, um estrondo apavorante se fez ouvir logo acima deles, e o teto do carro afundou quase dez centímetros para dentro da cabine. Todos berraram ao mesmo tempo, num misto de terror e perplexidade.

Em seguida, uma criatura caiu do teto, desajeitada, sobre o capô do veículo. Algo que simplesmente não existia até aquela tarde de sábado, um personagem saído diretamente dos confins do inferno, nascido para uma vida maldita, naquele dia que seria lembrado geração após geração. O dia em que o reinado da raça humana chegara ao fim como espécie soberana na Terra, após milênios de dominação.

O ser olhou para a família apavorada dentro do carro. Todos começaram a gritar e falar ao mesmo tempo. Mas aquela criatura não entendia nada. Não havia nela nenhum sinal de humanidade. Nenhum sinal de sanidade. Apenas dois olhos brancos, leitosos e emoldurados por um rosto feroz, alucinado. Olhos vazios e mortos. E, acima de tudo, olhos famintos.

Instantes depois, a criatura espatifou o para-brisa e conseguiu entrar no veículo. E, quando isso aconteceu, os gritos atingiram um patamar ensurdecedor.

Depois, tudo ficou silencioso. Um silêncio horripilante, quando todos ficam sem nenhuma reação. Os segundos pareceram intermináveis; e aqueles segundos cheiravam a morte...

CAPÍTULO 1

O FENÔMENO



DE TEMPOS EM TEMPOS, ao longo de milênios, surgiram teorias diversas sobre o fim do mundo. Cientistas e esotéricos, fanáticos religiosos e maníacos por conspirações, professores, políticos, estudantes e praticamente todas as pessoas do mundo inteiro ouviram ou inventaram explicações sobre um evento cataclísmico que reduziria tudo a cinzas.

Em alguns casos, a aposta era que um gigantesco cometa se chocaria contra a Terra, transformando tudo em um gigantesco monte de escombros. Cada nova descoberta que evidenciava a ocorrência de grandes impactos de corpos celestes com o nosso planeta em tempos remotos reforçava a tese de que eventos desse tipo não eram tão raros assim; portanto, era provável que tornassem a acontecer.

Para piorar, ficava cada vez mais óbvio que um cometa não precisaria ser tão grande para causar um grande estrago. Em Tunguska, região remota da Sibéria, um corpo celeste de meros cinquenta metros de diâmetro causou uma explosão de cerca de dez megatons em 1908, derrubando cerca de oitenta milhões de árvores. Se tivesse explodido apenas duas horas mais tarde, com a rotação do planeta, o tal cometa teria desintegrado toda a cidade de Moscou. A aposta de muitos profetas do fim do mundo era que todos nós teríamos o mesmo fim dos dinossauros.

Outros diziam que as inúmeras queimadas e emissões de bilhões de toneladas de gás carbônico superaqueceriam a Terra com o famoso efeito

estufa, causando o degelo das calotas polares e o alagamento de cidades costeiras inteiras; e, o resto do nosso planeta, em alguns anos, iria se tornar um deserto inabitável.

Diversas profecias apontavam o ano 2000 como a data provável da grande catástrofe, mas o tempo passou e o mundo ironicamente continuou existindo, forçando especialistas de todos os países a voltarem aos livros e aos cálculos para entender o que dera errado.

Por mais que o tempo passasse e nada acontecesse, de tempos em tempos, surgiam indivíduos que apostavam na tese do apocalipse. Era uma aposta válida. Nosso planeta já havia passado por grandes extinções em massa, em diversas épocas, e o acontecimento de mais um evento catastrófico de escala global era algo possível. E, dessa forma, as teorias continuavam surgindo.

Baseados no calendário maia, alguns afirmaram que o ano da extinção seria 2012 — mais precisamente, no dia 21 de dezembro. Porém, mais uma vez nada aconteceu.

Uma das teorias apocalípticas menos divulgadas falava de um suposto planeta que se chocaria com a Terra. Essa teoria foi descrita em detalhes por um obscuro autor chamado Joaquín Amortegui Valbuena, que escrevia sob o pseudônimo de V. M. Rabolu.

Em seu livro, que foi inspirado em outro povo antigo e intrigante, os sumérios, ele declara que o final dos tempos se daria por ocasião do choque de um imenso planeta contra a Terra, o qual os sumérios chamavam de Ekolubus e que ele batizou de Hercólubus, o Segundo Sol. Rabolu chegou a afirmar em seu livro que esse mesmo planeta já havia estado próximo da Terra em eras passadas, e em sua última visita teria causado a destruição da Atlântida, o lendário continente tragado pelas águas.

Rabolu afirmava, inclusive, que o próprio dilúvio descrito na Bíblia teria sido obra desse misterioso corpo celeste, bem como outras passagens bíblicas que diziam respeito a estrelas mortais, segundos sóis etc. Em todos esses casos, de acordo com Rabolu, o culpado era o temível Hercólubus, o flagelo da Terra, que, depois de milênios de ausência, retornaria para uma nova visita mortal.

Vários outros autores e estudiosos corroboraram as teorias de Rabolu, que ganharam alguns adeptos pelo mundo afora. Chegaram até mesmo a localizar o suposto planeta, ainda muito distante da Terra, vindo em nossa direção, tal qual o autor previra.

Durante muitos anos, cientistas do mundo todo tentaram esclarecer os fatos: o planeta Hercólubus não existia. O corpo celestial que, teoricamente, seria Hercólubus, conforme os estudos de Rabolu e seus seguidores, na realidade era uma estrela chamada Barnard, localizada na constelação de Ofiúco, que de fato se movia em direção à Terra — porém, a impressionantes cinco anos-luz e meio de distância. Na velocidade com que se movia — de cerca de cento e quarenta quilômetros por segundo —, levaria treze mil anos para que essa gigantesca estrela chegasse ao seu ponto mais próximo de nós. Estimativas pessimistas indicavam que a distância mínima não seria menor que pouco mais de um ano-luz, ou seja, Barnard passaria a uma distância milhares de vezes maior do que a da Terra em relação ao Sol. Enfim, nada com que se preocupar.

Teorias de planetas assassinos vindo em direção à Terra sempre existiram. Uma das mais célebres foi a do Planeta X. Ela foi formulada com base numa técnica de astrofísica que determina a existência de corpos escuros não localizáveis por meio da observação convencional a partir da interferência gravitacional que eles exercem sobre outros corpos celestiais.

Segundo essa técnica, se numa determinada zona do espaço planetas e cometas sofrem algum tipo de perturbação em suas órbitas, por conta de alguma força gravitacional misteriosa, esta seria uma forte evidência da existência de algum planeta na região, mesmo que não fosse possível enxergá-lo.

Com essa mesma técnica foi possível identificar a existência de Netuno e Plutão, vários anos atrás. No século XIX, astrônomos concluíram que deveria haver algum planeta muito grande numa órbita posterior a de Netuno por conta dessas observações.

Quando Plutão foi descoberto, concluíram que ele seria esse planeta misterioso. Porém, ao constatarem que Plutão era minúsculo, concluíram que não poderia ser o corpo que tanto procuraram, agora chamado, simplesmente, de Planeta X.

Em 1999, uma dupla de pesquisadores identificou sinais de que um planeta poderia estar escondido dentro do nosso sistema solar, em função de fortes perturbações provocadas pela atração gravitacional de um corpo celestial que, em função dos efeitos causados, teoricamente seria quatro vezes maior que Júpiter. Um gigante espacial que estaria rumando para o centro do nosso pequeno pedaço do Universo e, por isso mesmo, poderia estar vindo em direção à Terra. Muitos falaram que esse era o



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
PROL EM MARÇO DE 2016